

EDITORIAL LAZER E TURISMO

Christianne Luce Gomes¹
Luiz Gonzaga Godoi Trigo²

Este segundo número da Revista Brasileira de Estudos do Lazer – RBEL – é inaugurado com um Dossiê sobre “Lazer e Turismo”. Essas duas temáticas apresentam tênues fronteiras e possibilitam o estabelecimento de análises diversificadas, como poderá ser visto nos três artigos que compõem o Dossiê.

Contando com a participação de pesquisadores experientes e inseridos no contexto de problemáticas contemporâneas – que dizem respeito ao urbanismo, a questões sociais e à segmentação do turismo, entre outras –, os três textos do Dossiê se relacionam e dialogam em face de desafios que são hodiernos, globais e ao mesmo tempo inseridos nos contextos regionais dessas sociedades.

Luzia Neide Coriolano e Fábio Perdigão Vasconcelos partem do pressuposto de que a sociedade capitalista, ao explorar a força de trabalho e gerar alienação, transmuta ócio em lazer, turismo e consumo. Os autores destacam a importância de humanizar o lazer e o turismo, bem como de correlacionar turismo convencional e comunitário.

Rafael Chequer Bauer e Alexandre Panosso Netto, por sua vez, optaram por discutir o contexto do surgimento do *slow travel*, aprofundando reflexões sobre sua matriz ideológica pautada na contestação dos valores moderno-industriais. Nesse exercício, os autores buscam aplicar o conceito ao universo do lazer e das viagens.

Susana Gastal considera que as cidades médias, em geral, ainda carecem de ofertas de lazer qualificado. Para a autora, “praça e palco” são marcados pelo convívio e pela festa, podendo a animação sociocultural e a animação turística contribuir para que o lazer mobilize os espaços e as pessoas que o ocupam.

Resguardadas suas especificidades, os três artigos do Dossiê oferecem um recorte social, político e cultural delineados em torno de questões que embasam algumas das vertentes mais importantes do lazer e do turismo. Afinal, cada vez mais, é notório o crescimento de iniciativas ligadas ao lazer comercial (voltado para o entretenimento e para a massificação cultural) em nossas sociedades, assim como o turismo de alta densidade, caracterizado pela sazonalidade e organização das viagens em “pacotes” ou

¹ Professora do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Educação, com Pós-doutorado em Ciências Políticas e Sociais. Pesquisadora da Fapemig (PPM), bolsista DTI-A do CNPq e Líder do Grupo de pesquisa Otium (UFMG/CNPq). E-mail: chris@ufmg.br

² Professor titular da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), atuando nos mestrados de Turismo e de Estudos Culturais e na graduação de Lazer e Turismo. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e Livre Docente em Lazer e Turismo pela ECA/USP. Graduado em Turismo e em Filosofia pela PUC-Minas. E-mail: trigo@usp.br

fluxos massivos. Porém, desde as décadas de 1980 e 1990, crescem significativamente as alternativas baseadas em sustentabilidade, inclusão, qualidade de vida, estilos diferenciados e mais particularizados. Essas opções procuram levar em consideração o respeito às comunidades locais e seu modo de vida, de produção do tempo livre e fruição do lazer, da cultura e dos laços sociais.

As questões culturais e ambientais tornam-se vertentes fundamentais de análise e crítica. Não são considerados apenas os vetores econômicos e mercadológicos nas propostas das políticas públicas e privadas sobre lazer e turismo. A economia articula-se com a cultura, com a sociedade e esse diálogo fornece diretrizes políticas no sentido de respeitar as diferenças e pluralidades, características das comunidades locais. Esse é um dos desafios, possibilitar que grupos indiferenciados possam se organizar em grupos com interesses comuns que se relacionem com os grupos locais. Enfim, comunidades de visitantes e comunidades dos “visitados”, para utilizar uma terminologia marcante na obra de Jost Krippendorf.

As cidades globais ou pelo menos com certa complexidade metropolitana são cada vez mais sensibilizadas pelas manifestações de seus diversos grupos étnicos, religiosos, culturais e de interesses mútuos. Esses grupos possuem hábitos antigos herdados de seus ancestrais ou costumes inéditos, adquiridos das comunidades vizinhas e reinterpretados de acordo com gostos e prazeres locais. O lazer precisa entender essas dinâmicas, precisa elaborar os paradoxos e desafios estilísticos e econômicos.

Esta segunda década do século XXI propõe novos cenários e ânsia por respostas aos antigos e novos questionamentos que permeiam nossas sociedades. Antigos problemas foram em parte resolvidos mas, por outro lado, tornaram-se mais complexos em alguns pontos críticos (terrorismo, inclusão social, migrações, questões ambientais, preconceitos etc.). Novos problemas (e soluções) surgiram, surgem com a constante evolução tecnológica, com os ciclos críticos que assolam periodicamente a economia mundial e as *disrupturas*, um neologismo que tenta abarcar a velocidade, intensidade e extensão das mudanças que ocorrem pelo mundo.